

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS
CÂMPUS CIDADE DE GOIÁS
DEPARTAMENTO DE ÁREAS ACADÊMICAS
CURSO DE LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

TÂNIA MARIA RODRIGUES DO NASCIMENTO

SIGNIFICADOS DA FORMAÇÃO EM NÍVEL SUPERIOR NA VIDA DE
EGRESSOS DA LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

GOIÁS (GO), DEZEMBRO DE 2023



INSTITUTO FEDERAL
Goiás

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
SISTEMA INTEGRADO DE BIBLIOTECAS

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAÇÃO NO REPOSITÓRIO DIGITAL DO IFG - ReDi IFG

Com base no disposto na Lei Federal nº 9.610/98, AUTORIZO o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, a disponibilizar gratuitamente o documento no Repositório Digital (ReDi IFG), sem ressarcimento de direitos autorais, conforme permissão assinada abaixo, em formato digital para fins de leitura, download e impressão, a título de divulgação da produção técnico-científica no IFG.

Identificação da Produção Técnico-Científica

- | | |
|--|---|
| ☐ Tese | ☐ Artigo Científico |
| ☐ Dissertação | ☐ Capítulo de Livro |
| ☐ Monografia – Especialização | ☐ Livro |
| ☒ TCC - Graduação | ☐ Trabalho Apresentado em Evento |
| ☐ Produto Técnico e Educacional - Tipo: _____ | |

Nome Completo do Autor: Tânia Maria Rodrigues do Nascimento

Matrícula: 20161100080100

Título do Trabalho: SIGNIFICADOS DA FORMAÇÃO EM NÍVEL SUPERIOR NA VIDA DE EGRESSOS DA LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

Autorização - Marque uma das opções

1. ☒ Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG;
2. ☐ Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG somente após a data ____/____/____;
3. ☐ Não autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG.

Ao indicar a opção **2 ou 3**, marque a justificativa:

- ☐ O documento está sujeito a registro de patente.
☐ O documento pode vir a ser publicado como livro, capítulo de livro ou artigo.
☐ Outra justificativa: _____

DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA

O/A referido/a autor/a declara que:

- i. o documento é seu trabalho original, detém os direitos autorais da produção técnico-científica e não infringe os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade;
- ii. obteve autorização de quaisquer materiais inclusos no documento do qual não detém os direitos de autor/a, para conceder ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás os direitos requeridos e que este material cujos direitos autorais são de terceiros, estão claramente identificados e reconhecidos no texto ou conteúdo do documento entregue;
- iii. cumpriu quaisquer obrigações exigidas por contrato ou acordo, caso o documento entregue seja baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás.

Goiás (GO), 21 de fevereiro de 2024.


Assinatura do Autor e/ou Detentor dos Direitos Autorais

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE
GOIÁS CAMPUS CIDADE DE GOIÁS
DEPARTAMENTO DE ÁREAS ACADÊMICAS
CURSO DE LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS**

TÂNIA MARIA RODRIGUES DO NASCIMENTO

**SIGNIFICADOS DA FORMAÇÃO EM NÍVEL SUPERIOR NA VIDA DE
EGRESSOS DA LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no
Curso de Licenciatura em Artes Visuais do
Instituto Federal de Educação Ciências e
Tecnologias, Câmpus Cidade de Goiás, de
acordo com requisito para a obtenção da
licenciatura em artes visuais.

Orientador: Me. Wagner Falcão Carlos

GOIÁS (GO), DEZEMBRO DE 2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de
Goiás – Campus Cidade de Goiás

370.72

N244s Nascimento, Tânia Maria Rodrigues do.

Significado da formação em nível superior na vida de egressos da Licenciatura em Artes Visuais / Tânia Maria Rodrigues do Nascimento; orientador, Wagner Falcão Carlos – Cidade de Goiás, 2023.

55 f.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – Campus Cidade de Goiás, Departamento de Áreas Acadêmicas, Licenciatura em Artes Visuais.

1. Formação 2. Nível superior - Egressos. 3. Artes visuais. 4. Pesquisa narrativa. I. Carlos, Wagner Falcão, orientador. II. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia. III. Título.



INSTITUTO FEDERAL
Goiás

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS
CÂMPUS CIDADE DE GOIÁS

TERMO DE APROVAÇÃO

TÂNIA MARIA RODRIGUES DO NASCIMENTO

SIGNIFICADOS DA FORMAÇÃO EM NÍVEL SUPERIOR NA VIDA DE EGRESSOS DA LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás – Câmpus Cidade de Goiás como requisito parcial para a obtenção do título de LICENCIADA EM ARTES VISUAIS e desenvolvido na linha de pesquisa Educação, escola e ensino de arte, sob orientação do Prof. Me. Wagner Falcão Carlos.

Aprovado em 06 de fevereiro de 2024.

BANCA EXAMINADORA:

(assinado eletronicamente)

Profa. Me. Wagner Falcão Carlos (Presidente - orientador)

(assinado eletronicamente)

Prof. Ma. Rosirene Rodrigues dos Santos Abramo (Membro interno)

(assinado eletronicamente)

Prof. Dra. Ana Rita da Silva (Membro interno)

Documento assinado eletronicamente por:

- Rosirene Rodrigues dos Santos, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLÓGICO, em 08/02/2024 16:07:22.
- Ana Rita da Silva, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLÓGICO, em 08/02/2024 10:47:54.
- Wagner Falcão Carlos, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLÓGICO, em 06/02/2024 17:17:31.

Este documento foi emitido pelo SUAP em 06/02/2024. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifg.edu.br/autenticar-documento/> e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 504846
Código de Autenticação: ee023864f0



Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Rua 02, Quadra 10, Lote 01 a 15, Residencial Bauman, None, Centro, CIDADE DE GOIÁS / GO, CEP 76600-000
(62) 3442-0215 (ramal: 0215)

RESUMO

Esta pesquisa volta-se para investigar os significados da formação em nível superior para egressos do curso de Licenciatura em Artes Visuais do Instituto Federal de Goiás Câmpus Cidade de Goiás. Foi definido como objetivo geral Refletir sobre significados da formação em nível superior para pessoas que retomaram os estudos após longo período afastados das salas de aula e, como objetivos específicos, foram traçados os seguintes pontos: a) Perceber a importância de se ter uma formação em nível superior para atuação profissional e para outros aspectos da vida; b) Realizar entrevistas com egressos do curso de licenciatura em Artes Visuais; c) Acionar minha identidade como fotógrafa a partir de fotografias de minha autoria ou selecionadas de acervos pessoais. Este trabalho acionou a Pesquisa Narrativa (CHASE, 2005) como metodologia, por se tratar de uma pesquisa qualitativa organizada a partir de detalhes biográficos meus e dos entrevistados. Contém narrativa autobiográfica minha, redigida em primeira pessoa, e relatos de cinco egressos do curso de Licenciatura em Artes Visuais captados através de entrevista com roteiro semi-estruturado. Foi possível perceber, com a pesquisa, que a importância do ensino superior se reflete no aumento das oportunidades profissionais, na possibilidade de ganhar melhores salários e, também, é percebida no crescimento pessoal. Foi possível observar dois pontos principais que levaram todos a voltar a estudar. O primeiro deles está ligado a uma questão de se sentir uma pessoa com mais dignidade, mais reconhecida intelectualmente a partir da crença de que o diploma de nível superior era capaz de restaurar a autoestima dos sujeitos.

Palavras-chave: Formação em nível superior. Egressos. Licenciatura em Artes Visuais. Pesquisa Narrativa. Impactos da formação acadêmica

ABSTRACT

This research investigates the significance of higher education for graduates of the Visual Arts Teaching program at the Federal Institute of Goiás, Campus Cidade de Goiás. The overarching objective is to reflect on the meanings of higher education for individuals who have resumed their studies after an extended period away from the classroom. Specific objectives include recognizing the importance of higher education for professional engagement and various aspects of life, conducting interviews with Visual Arts Teaching program graduates, and activating the researcher's identity as a photographer through self-authored or selected photographs from personal archives. The study employs Narrative Research (CHASE, 2005) as its methodology, being a qualitative research organized around biographical details of both the researcher and interviewees. It comprises the researcher's autobiographical narrative in the first person and accounts from five Visual Arts Teaching program graduates obtained through semi-structured interviews. The research reveals that the significance of higher education is evident in increased professional opportunities, the potential for higher salaries, and personal growth. Two main motivators for returning to education were identified: a desire for increased dignity and intellectual recognition, rooted in the belief that a higher education diploma could restore the self-esteem of the individuals.

Keywords: Higher Education. Graduates. Visual Arts Teaching. Narrative Research. Impacts of Academic Training.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Aos 7 anos de idade fui matriculada na educação infantil, no Colégio Estadual Dona Colombina.....	16
Figura 2. Já na Escola Lar São José aos 11 anos.....	17
Figura 3. Apresentação de Teatro Universidade Católica de Goiás, atualmente a PUC. Peça: Peleja menino pobre, 1984.....	17
Figura 4. Apresentação de teatro na Cidade de Goiás palco caminhão. Peça: Peleja menino pobre 1984.....	18
Figura 5. Experiência de protesto organizada pela escola Lar São José nas ruas do Centro da cidade de Goiás 1984.....	18
Figura 6. Reunião com os pais dos alunos na Escola Lar São José 1985.....	19
Figura 7. Novena de São João, preparação para a festa Junina da Escola Lar São José 1985.	20
Figura 8. Quadrilha dos alunos da Escola Lar São José 1984.....	21
Figura 9. Alunos indo para o estudo na Chácara pertencente a Escola Lar São José 1997.	21
Figura 10. Meu trabalho como babá.....	22
Figura 11. Minha formatura da oitava série do Colégio Estadual João Augusto Perillo 1993.	23
Figura 12. Participação como figurante no Filme As Tranças de Maria em 1995, dirigido por Pedro Carlos Rovai.	24
Figura 13. Minha formatura no Ensino Médio curso Magistério 1998.....	25
Figura 14. Meu início no trabalho com a fotografia.....	26
Figura 15. Troféu Destaque do Ano (2004) Fotógrafa, concedido pelo Instituto de Pesquisa Braz Lopes.....	27
Figura 16. Eu como mãe em 2003.....	27
Figura 17. Eu como mãe em 2016.....	28
Figura 18. Minha atuação como fotógrafa em 2022.....	28
Figura 19. Minha atuação como trabalhadora na educação.....	29
Figura 20. Dalvalina, egressa do curso de Licenciatura em Artes Visuais.....	31
Figura 21. Helder, egresso do curso de Licenciatura em Artes Visuais.....	34
Figura 22. Entrevista com Helder, egresso do curso de Licenciatura em Artes Visuais.....	35
Figura 23. Jairo, egresso do curso de Licenciatura em Artes Visuais.....	37
Figura 24. Marcelene, egressa do Curso de Licenciatura em Artes Visuais.....	40
Figura 25. Entrevista com Marcelene, egressa do Curso de Licenciatura em Artes Visuais.....	41
Figura 26. José Rogério (Kó), egresso do Curso de Licenciatura em Artes Visuais.....	42
Figura 27. Entrevista com José Rogério (Kó), egresso do Curso de Licenciatura em Artes Visuais.....	42

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1 – SIGNIFICADO DA FORMAÇÃO EM NÍVEL SUPERIOR.....	13
1.1 Significado da formação em nível superior a partir de minhas experiências	13
2.2 Significado da formação em nível superior a partir de experiências de egressos da Licenciatura em Artes Visuais	29
2 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
3 REFERÊNCIAS.....	44

INTRODUÇÃO

No ano de 1998 terminei o ensino médio no Colégio Estadual Professor Alcide Jubé, na cidade de Goiás (GO), com duração de quatro anos, pois estava associado a uma formação no Magistério. Nessa época eu já trabalhava na educação estadual, não como professora, mas como agente educacional.

Quando terminei o ensino médio, já pensava em entrar na faculdade para cursar o ensino superior, pois, por trabalhar em um ambiente onde a maioria das pessoas eram professores com curso superior, esse meu desejo se tornou um grande sonho.

Vivemos em uma sociedade julgadora e, principalmente, por se tratar de um ambiente escolar, como é o meu caso, a cobrança era maior. Particularmente falando, foram inúmeras as vezes que me senti julgada, com olhares de desprezo, invisibilizada - fui oprimida, deixada de lado, menosprezada. Sentia que queriam me mostrar que eu era incapaz de debater e até mesmo opinar a respeito de determinados assuntos ou questões.

Muitas vezes me era negado um simples bom dia ou boa tarde e assim por diante. Algo que acreditava ser motivado pelo fato de eu exercer uma função na limpeza. Havia o sentimento de não ser enxergada, de pertencer a uma classe diferente dos outros colegas do trabalho. A formação em nível superior parecia criar essa diferença.

Essa situação alimentou meu desejo de voltar a estudar. Além disso, ter um curso superior, para mim, significava ser capaz de ingressar no mercado de trabalho, aumentando as chances de ter um trabalho melhor e com um salário maior. Sinto que o fato de ter o curso superior, sem sombra de dúvidas, aumenta a autoestima do ser humano.

Por ter começado a trabalhar muito nova e também por motivos econômicos, fiquei 18 anos fora da sala de aula, voltando a estudar somente em 2016, quando comecei a cursar a Licenciatura em Artes Visuais no IFG Câmpus Cidade de Goiás. Quem me disse a respeito das vagas foi a minha vizinha Janiele. Me inscrevi, fiz o vestibular, fui aprovada e foi dessa forma que tive a oportunidade de cursar um ensino superior.

A partir dessa minha história, passei a pensar a respeito da importância do ensino superior na vida das pessoas em geral, sejam jovens, adultos de meia idade como eu ou pessoas mais velhas. Essas preocupações me levaram à produção deste trabalho de conclusão de curso, que tem a seguinte questão norteadora da pesquisa: **Quais os significados da formação em nível superior para egressos da licenciatura em artes visuais do IFG Campus Cidade de Goiás?**

Foi definido como objetivo geral da pesquisa **Refletir sobre significados da formação**

em nível superior para pessoas que retomaram os estudos após longo período afastados das salas de aula. Como objetivos específicos foram traçados os seguintes pontos: a) Perceber a importância de se ter uma formação em nível superior para atuação profissional e para outros aspectos da vida; b) Realizar entrevistas com egressos do curso de licenciatura em Artes Visuais; c) Acionar minha identidade como fotógrafa a partir de fotografias de minha autoria ou selecionadas de acervos pessoais.

Este trabalho acionou a Pesquisa Narrativa (CHASE, 2005) como metodologia, por se tratar de uma pesquisa qualitativa organizada a partir de detalhes biográficos meus e dos entrevistados.

Para realizar a pesquisa entrei em contato com alguns alunos egressos presencialmente e por meio do aplicativo de troca de mensagens *Whatsapp*, pois alguns não se encontravam residindo na cidade.

Participaram da pesquisa cinco alunos egressos do curso de Licenciatura em Artes Visuais - eram ex-colegas meus. A partir de autorização deles, seus verdadeiros nomes foram mantidos na pesquisa. São eles: Dalvalina, Helder, Jairo, Marcelene e José Rogério (Kó).

Um dos critérios de seleção desses cinco participantes foi pensar naqueles estudantes que, assim como eu, retomaram os estudos após longo período afastados das salas de aula. Outro critério foi o tempo que eu tinha para realizar a pesquisa, pois um número maior de participantes era inviável e alguns outros com quem busquei contato tiveram dificuldades de participar da pesquisa.

Foi muito importante trazer para essa pesquisa o meu trabalho como fotógrafa. Era importante divulgar os diversos papéis que tenho desempenhado como mulher independente, preta, estudante, mãe, dona de casa etc, além de enriquecer a pesquisa.

Os egressos selecionados possuíam faixa etária entre 45 e 60 anos. As entrevistas foram realizadas a partir de roteiro com 14 perguntas. Ligados às entrevistas foram realizados pequenos ensaios fotográficos com as pessoas entrevistadas. Com uma das participantes, eu não realizei o ensaio fotográfico devido a ela morar em outra cidade. Não conseguimos encontrar pessoalmente e ela enviou fotos de arquivo pessoal dela.

As fotografias tinham o objetivo de investigar a importância do curso superior na vida dessas pessoas e, também, documentar um pouquinho do dia a dia de cada um deles, além de trazer o rosto dessas pessoas, trazendo verdade e realismo para a pesquisa. Achemos muito importante trazer para a pesquisa homens e principalmente mulheres trabalhadoras, donas de casa com filhos assim como eu, Tânia Maria.

As perguntas das entrevistas foram as seguintes:

1. Qual a importância do curso superior para você?
2. Qual o motivo que te levou a cursar o ensino superior?
3. Você já se sentiu cobrado ou até mesmo inferiorizado pela sociedade, por não ter um curso superior?
4. Como você se sentia por não ter ingressado na faculdade?
5. Você já tentou fazer algum outro curso superior?
6. Quem foi a pessoa que mais influenciou você a fazer um curso superior?
7. Por que você se interessou pelo curso de Licenciatura em Artes Visuais no IFG?
8. Você já teve outras oportunidades de ingressar na universidade?
9. O que você considera que o afastou da universidade anteriormente?
10. Quais são as suas expectativas para o seu futuro?
11. Com quantos anos você conquistou o diploma de nível superior?
12. Você deu continuidade aos seus estudos após a conclusão do curso superior?
13. Qual o histórico do acesso à formação superior na sua família(pais, irmãos, filhos, etc)?
14. Como você se sente após ter concluído o curso superior, o que mudou na sua vida?

Para a sistematização deste trabalho, organizo-o nas seguintes seções: *A Introdução*; o *Capítulo 1 Significado da formação em nível superior* e, por fim, as *Considerações Finais*. A seção *Significado da formação em nível superior* é dividida em duas partes; a primeira olha para o *Significado da formação em nível superior a partir de minhas experiências* e a segunda seção fala a respeito de *Significado da formação em nível superior a partir de experiências de egressos da Licenciatura em Artes Visuais*.

CAPÍTULO 1 – SIGNIFICADO DA FORMAÇÃO EM NÍVEL SUPERIOR

Para pensar sobre a importância da formação em nível superior, trago, neste capítulo, alguns relatos de estudantes que retomaram os estudos após longo período afastados das salas de aula e passaram pelo curso de licenciatura em Artes Visuais do IFG, inclusive, eu.

Na primeira seção, trago minha própria experiência. Na seção seguinte apresento relato de outros estudantes egressos do curso.

1.1 Significado da formação em nível superior a partir de minhas experiências

Eu sou Tânia Maria, a quarta filha dos meus pais, de oito irmãos, sendo que somos só quatro vivos atualmente. Minha mãe se casou muito nova, ainda de menor. Sua primeira filha se chamava Lucelina, essa morreu ainda bebê, com 11 meses.

Após esse episódio, minha mãe engravidou novamente, só que de um menino, que passou de hora de nascer e morreu. Segundo relatos da minha mãe, foi um parto extremamente complicado em que ela escapou por um milagre de Deus.

Meus pais tinham uma vida muito humilde, a condição financeira era precária, eles moravam na zona rural. Era muito difícil ir para a cidade porque não tinha transporte, mas neste dia, por sorte, eles conseguiram um carro e levaram ela para a cidade de Taquaral (GO) para fazer o parto cesariano. Contudo, como relatei acima, o bebê já estava morto. Eles batizaram este bebê por nome de José, pois fazia parte da cultura do povo antigo batizar e colocar nomes nos bebês - não podia enterrar sem passar por esse processo.

Após esses tristes ocorridos minha mãe engravidou novamente do meu irmão Flávio Elísio. Após quatro anos de tanto o meu pai pedir para Deus uma menininha, minha mãe engravidou pela quarta vez, de mim. Durante a gestação, meu pai acariciava a barriga da minha mãe e dizia; “essa é a minha mocinha” e eu respondia com chutinhos ainda dentro da barriga, segundo história contada pela minha querida mãe.

Depois de mim vieram mais quatro irmãos, todos homens, cujos nomes são: Divino Elizete, Mauro, Leoni e Jari. O meu irmão caçula Jari, nós o perdemos em 1986 com apenas cinco anos de idade.

Em 2013 perdi a minha querida mãe e o meu irmão Divino, que veio depois de mim, faleceu em 2015, com aproximadamente quarenta anos. Enfim, venho de uma família que passou por tristes traumas, algo muito doloroso. Mas, enfim, temos que continuar a vida.

Um pouquinho sobre mim

Eu, Tânia Maria, mulher preta, de origem negra e indígena, mãe, dona de casa, fotógrafa, funcionária pública e, atualmente, estudante de Licenciatura em Artes Visuais.

Iniciei minha vida escolar com sete anos de idade na Escola Estadual Dona Colombina, na cidade de Goiás (GO). No meio do ano minha professora, juntamente com a direção da escola, chamou minha mãe na escola e disseram a ela que eu tinha capacidade de ser transferida de série. Eu estava no pré e eles queriam me colocar na Segunda Série do Ensino Fundamental, minha mãe autorizou e estudei o restante do ano na segunda série. No final do ano consegui ser aprovada para a 3º série.

No ano seguinte, as finanças dos meus pais não estavam boas, então tivemos que mudar para a zona rural do município, o distrito de Buenolândia, conhecida antigamente como Barra.

Depois de algum tempo morando lá, minha mãe conseguiu matricular meus irmãos e eu na escola municipal Teresinha de Jesus. Não sei o motivo, mas eu, particularmente, não consegui me adaptar bem naquela escola. Após alguns anos, voltamos para a cidade de Goiás e fui matriculada, juntamente com meus irmãos na escola Lar São José. Acredito que tinha aproximadamente 10 anos de idade nesse período e tive que recomeçar novamente, desde a primeira série.

Trabalhei como empregada doméstica desde os 11 anos de idade - trabalhava na casa de uma professora. Com doze anos, consegui um trabalho como babá. Continuava trabalhando e estudando.

Passei minha adolescência inteira nessa escola. Foi maravilhoso estudar no Lar São José. Encontrei muito apoio e atividades educativas que eu precisava para crescer como estudante e também como pessoa. Ao terminar o ensino fundamental I no Lar São José, fui estudar na 5º série na Escola Estadual Professor João Augusto Perillo, que também foi um grande aprendizado para mim.

Nossa diretora da época era Divina Paiva, mulher forte e determinada, sempre conseguia algo para o Colégio como, por exemplo, aumentou algumas salas de aula com doação de amigos, bingos, venda de pamonhas e outros. Após terminar o Ensino Fundamental II, que era de 5º a 8º série, no Colégio Perillo, fui fazer o ensino médio (magistério) que foi no período de 4 anos no Colégio Estadual Professor Alcide Jubé.

Ao concluir o magistério em 1998, a Secretaria Estadual da Educação abriu um concurso público para professores que tinham somente o Magistério e também para professores com

curso superiores. Quem tinha somente o Magistério podia dar aula somente do pré até a quarta série, ou seja, estaria apto para dar aula no Ensino Fundamental I. Para os professores que tinham o curso superior, era possível dar aulas em todas as fases de ensino.

Me lembro que foi o último concurso público para professores que tinha somente o Ensino Médio, ou seja, o Magistério. Esse concurso me causou uma grande decepção, pois fui aprovada, mas infelizmente não fui chamada para exercer a profissão e venceu a validade do concurso.

Lembrando que as oportunidades para as pessoas com pouco poder aquisitivo, que sempre foi o meu caso, são raras, por necessidade parei com os estudos e continuei só trabalhando.

Após 18 ou 19 anos sem estudar, tive a oportunidade de poder voltar. Em 2016 comecei a cursar Licenciatura em Artes Visuais, que continuo atualmente. Esse curso para mim é de grande valor, pois é a realização do sonho de poder cursar e concluir um curso superior.

Como surgiu meu interesse pela fotografia

Não me lembro muito bem qual idade tinha quando comecei a me interessar por fotografias. Acredito que foi quando comecei a me deparar com grandes fotografias em molduras nas paredes das casas que eu frequentava. Eram fotos do casamento do casal e dos seus filhos.

Através desta observação foi que comecei a aumentar o meu desejo por fotografia. Na verdade, meu sonho era ter uma foto minha quando ainda era um bebê, sempre tive muita curiosidade de saber como eu era fisicamente, principalmente o meu rosto.

Eu sempre perguntava para minha mãe se ela tinha uma foto minha quando eu era um bebê. Ela me respondia que não e dizia que na época em que eu e meus irmãos éramos pequenos, ela e meu pai não tinham condições financeiras para mandar tirar fotos de nós.

Eu entendia ela, mas continuava com esse incômodo de não ter nenhuma foto quando criança. Surgia, também, um sentimento de exclusão, que se fortalecia quando visitava casas de parentes como minha avó e tias maternas e passava a ver álbuns e mais álbuns recheados de fotos dos meus primos e primas mais velhos fotografados quanto tinham a mesma idade que eu.

Assim, acredito que não ter tido a oportunidade de ser fotografada quando criança foi o sentimento mais forte que me fez sentir atraída pelas fotografias.



Figura 1. Aos 7 anos de idade fui matriculada na educação infantil, no Colégio Estadual Dona Colombina.



Figura 2. Já na Escola Lar São José aos 11 anos.



Figura 3. Apresentação de Teatro Universidade Católica de Goiás, atualmente a PUC. Peça: Peleja menino pobre, 1984



Figura 4. Apresentação de teatro na Cidade de Goiás palco caminhão. Peça: Peleja menino pobre 1984.



Figura 5. Experiência de protesto organizada pela escola Lar São José nas ruas do Centro da cidade de Goiás 1984.



Figura 6. Reunião com os pais dos alunos na Escola Lar São José 1985.



Figura 7. Novena de São João, preparação para a festa Junina da Escola Lar São José 1985.



Figura 8. Quadrilha dos alunos da Escola Lar São José 1984.



Figura 9. Alunos indo para o estudo na Chácara pertencente a Escola Lar São José 1997.



Figura 10. Meu trabalho como babá.



Figura 11. Minha formatura da oitava série do Colégio Estadual João Augusto Perillo 1993.



Figura 12. Participação como figurante no Filme As Tranças de Maria em 1995, dirigido por Pedro Carlos Rovai.



Figura 13. Minha formatura no Ensino Médio curso Magistério 1998.



Figura 14. Meu início no trabalho com a fotografia.



Figura 15. Troféu Destaque do Ano (2004) Fotógrafa, concedido pelo Instituto de Pesquisa Braz Lopes



Figura 16. Eu como mãe em 2003



Figura 17. Eu como mãe em 2016



Figura 18. Minha atuação como fotógrafa em 2022



Figura 19. Minha atuação como trabalhadora na educação.

2.2 Significado da formação em nível superior a partir de experiências de egressos da Licenciatura em Artes Visuais

Nesta seção falarei um pouco sobre as reflexões que obtive a partir das entrevistas realizadas com os alunos egressos do curso de Licenciatura em Artes Visuais cujos nomes são Helder, Marcelene, Dalvalina, José Rogério (Kó) e Jairo. Miguel Arroyo (2017), no seu livro *Passageiros da noite: do trabalho para a EJA*, volta-se para compreender as questões dos alunos dessa modalidade, sujeitos que chegam às escolas em longos itinerários por justiça, vindos muitas vezes de contextos de vivências subumanas.

O reconhecimento da educação, da escola e da universidade como direito tem sido lento em nossa história, sobretudo reconhecimento do povo como sujeito de direitos,

inclusive do direito à educação, à escola, à universidade, ao conhecimento, à cultura, aos valores. Um reconhecimento tão tenso quanto o reconhecimento do direito do povo, dos trabalhadores empobrecidos, à cidadania, à humanidade. Aos direitos humanos. (ARROYO, 2017, p. 96)

Apesar de eu não ter passado pela EJA, a falta de humanização e de acesso a direitos e oportunidades na época certa enfrentada por estudantes dessa modalidade de ensino se assemelha com as experiências vivenciadas por mim e pelos entrevistados neste trabalho.

Além disso, a espera pelo diploma escolar ou universitário (nosso caso) parece ser uma conquista capaz de abrir outras passagens a quem tem direito (ARROYO, 2017). A jornada na escola e na universidade parece com a reflexão de Paulo Freire (2020) sobre ver o ser humano como um ser inconclusivo, consciente de sua inconclusão e em busca do *ser mais*. O ser humano, como diziam meus antepassados, quanto mais vive, mais aprende e nunca sabe de todas as coisas.

Freire (2020) fala que a violência é gerada a partir do momento que os direitos das pessoas são negados, como é o caso da negação do acesso à educação e outras buscas dos sujeitos.

Segundo o relato de Dalvalina (2023) em entrevista, ao concluir o ensino superior, a vida dela mudou radicalmente para melhor em todos os sentidos. Atualmente ela trabalha em uma escola em Itapirapuã (GO) como professora de Arte em um projeto chamado ‘Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculo(SCFV). Ela está muito feliz com sua conquista.

Ao entrevistar Dalvalina, pude observar que ela não se sentia bem por não ter um diploma do curso superior anteriormente e esse sentimento é bem característico. Parecia com o que eu sentia por ainda não ter o meu diploma do curso superior: “O curso superior foi extremamente importante para mim em todos os âmbitos: familiar, social e profissional” (Dalvalina, 2023).

Essa fala da Dalvalina (2023) tem muito a ver com o que penso pois, quando a gente não tem o curso superior perdemos muitas oportunidades de ingressar em um trabalho com um bom salário e melhores condições de trabalho. A consequência é o trabalho excessivo e o salário é mínimo, ou seja, não dá para suprir as necessidades básicas no seio familiar.

A nossa sociedade, principalmente no meio educacional, faz uma pressão psicológica muito visível às pessoas que não têm acesso ao ensino superior formal, considerando elas, inclusive como sem cultura.

Essa sociedade, ao perceber que o indivíduo é menos favorecido em algum aspecto principalmente, a falta de formação em um curso superior, quase que automaticamente essa pessoa é julgada, cancelada e deixada de lado ou seja é considerada incapaz. Dalvalina compartilha que “Muitas vezes me sentia inferiorizada, pois no meu convívio sempre me

relacionava com pessoas que já haviam ingressado na faculdade ou até mesmo estavam cursando o curso superior.” (Dalvalina, 2023).

Esse trecho acima me faz lembrar que esse sentimento vem à tona quase diariamente, só que, como disse anteriormente, ele é provocado por alguém de fora que não nos conhece nem sabe o quanto somos capazes de desenvolver determinadas atividades.

Enfim, essa fala da Dalvalina (2003) tem muito a ver comigo pois assim como ela, eu sempre tive esse tipo de sentimento. Posso dizer que é muito ruim, pois também tenho essa convivência no ambiente escolar há quase trinta anos e sei bem o quanto é agonizante esse sentimento.

Dalvalina (2023), a respeito do ensino superior, fala que já tentou vários outros cursos, mas nunca os concluiu. O curso de Licenciatura em Artes foi sua primeira conquista. Diferente dessa fala dela, eu nunca tentei outros cursos superiores, ou seja, eu nunca tive a oportunidade de entrar em uma faculdade. A oportunidade que eu tive de fazer um curso superior, de ingressar em uma faculdade, foi pelo IFG Câmpus Cidade de Goiás no ano de 2016.



Figura 20. Dalvalina, egressa do curso de Licenciatura em Artes Visuais

Ela fala que foi muito influenciada por uma diretora que dirigia a mesma escola em que ela trabalhava. A história dela, em geral, é muito parecida com a minha. Inclusive, tem diversos momentos que eu me vejo perfeitamente na fala dela.

Minha mãe sempre sonhou que eu nunca parasse de estudar. Ela sempre quis que eu

tivesse continuado. E se eu tivesse feito um esforço e ido pela vontade que ela tinha, com certeza hoje eu já teria concluído o curso superior, já teria feito um mestrado, um doutorado e assim por diante.

A entrevistada fala que teve muitas oportunidades de fazer um curso superior e não fez porque não conseguia se ver no curso, uma questão de identificação. No meu caso, não tive muita oportunidade de estudar, ou mesmo de voltar a estudar.

Locatelli e Diniz-Pereira (2019, p. 231), em relação à renda de estudantes de licenciatura, mostram que

uma parte significativa desses estudantes não apenas trabalha, mas é o principal responsável pelo sustento da família. Se considerarmos aqueles que têm renda própria e arcam com seus próprios gastos, sendo ou não responsáveis pelo sustento da família, notamos um percentual significativo, caracterizando, nas licenciaturas aqui analisadas, um claro perfil de estudante trabalhador.” (...) “São universitários que não aplicam o melhor de seu tempo e energias nos estudos, visto que utilizam o ensino noturno ou os horários alternativos para frequentarem as aulas. Invariavelmente, para esses alunos, estudar significa realizar uma terceira jornada, praticada, quase sempre, no limite do esforço físico e mental.” (LOCATELLI e DINIZ-PEREIRA, 2019, P.234)

Terminei o meu ensino médio em 1998 e já trabalhava, já tinha uma vida de muitas responsabilidades, uma casa para manter, para cuidar. Além desse cenário, com trabalho desde a infância, eu sempre morei aqui nesta cidade de Goiás e aqui não tinha nem IFG nem a Universidade Federal de Goiás (UFG). Quando eu terminei o meu ensino médio já existia um câmpus da Universidade Estadual de Goiás (UEG) aqui na cidade, porém eu não conseguia ingressar por falta de condições econômicas. Estudar, naquele momento, significava ter que parar de trabalhar, afinal, não tinha apoio, nunca tive uma pessoa para somar comigo no sentido das finanças: “Sempre foi Deus e eu”.

A respeito das expectativas para o futuro, Dalvalina(2023) compartilha que “são as melhores possíveis”. A expectativa dela é muito boa para o futuro, muito grande. Diz que tem a intenção de estar sempre estudando, sempre buscando o conhecimento para aprimorar o que aprendeu na faculdade, uma fala muito parecida com o que eu sempre pensei e com o que eu sempre falo, principalmente para minha filha: “Quando a gente faz um curso superior, ele muda a vida da gente, temos uma expectativa de vida bem melhor”.

Sempre pensei que se eu conseguisse fazer um curso superior, ou se eu já tivesse um curso superior, com certeza o meu trabalho seria um pouco melhor e, em consequência disso, o meu salário também teria um valor maior.

Dalvalina (2023) fala que conseguiu terminar o curso dela de Licenciatura em Artes Visuais com 58 anos de idade. O interessante é que esta pesquisa tem o objetivo de entrevistar

justamente esses alunos com maior idade e que são egressos. Ou seja, são alunos que voltaram a estudar depois de muito tempo, depois de casados, depois de ser mãe, pai ou até mesmo avós, assim como eu, que voltei a estudar depois de um tempo bem avançado.

Nesse sentido, os entrevistados não têm diferença de mim porque eu também voltei a estudar só agora, com 50 anos, 51 anos. Há um outro aspecto da sua história que se parece muito com a minha e com a vida dos meus pais que também eram analfabetos.

Ela teve sucesso porque os irmãos dela pelo menos fizeram o ensino médio enquanto que, no meu caso, os meus irmãos são todos semi-analfabetos ainda. A única que está se formando, está prestes a concluir o curso superior sou eu na minha família.

Segundo Dalvalina (2023), o curso superior veio para somar na vida dela, veio para mudar a sua vida e mudar para melhor. Assim espero que também ocorra comigo quando eu terminar o meu curso superior, que essa vitória venha me ajudar em todos os sentidos e venha a mudar a minha vida também. Compreendo que a educação é a única forma das pessoas obterem mudanças, é a única forma das pessoas conseguirem mudar o destino.

Segundo o entrevistado Hélder (2023), a importância do curso superior para ele foi o seguinte porque ele já trabalha com arte. Ele era muito convidado por professores, por escolas, por instituições para dar palestra, para realizar oficinas ligadas ao trabalho dele como artista e artesão. Ele fala que, a partir daí sentiu a necessidade de ter um curso superior.

O caso do Hélder (2023) já é um pouco diferente do meu porque o que levou ele a buscar o curso superior foi o impulso do trabalho dele, que já é com a arte. Ele sentiu uma necessidade de ter um curso superior, para poder estar em contato com esse grupo ligado à educação.

Eu voltei a estudar porque eu tinha dentro de mim um sonho, o sonho de ter um curso superior, não importava qual. Eu acreditava que iria me sentir segura, com mais auto-estima.

Helder aponta que nunca viveu esse sentimento de sentir-se inferiorizado por causa da sua formação, pois compreendia que cada ser humano carrega dentro de si uma bagagem de conhecimento. Acredita que até mesmo sua relação na universidade foi de troca, em que ele levava sua bagagem também.

Sua fala foi muito enriquecedora, me fez repensar, voltar o pensamento para mim mesma, perceber que trago também uma bagagem muito importante, com conhecimentos da vida, do mundo da fotografia, do trabalho como dona de casa, o conhecimento de como ser mãe, um conhecimento de uma trabalhadora.



Figura 21. Helder, egresso do curso de Licenciatura em Artes Visuais



Figura 22. Entrevista com Helder, egresso do curso de Licenciatura em Artes Visuais

Uma contribuição importante da formação em nível superior relatada por Helder foi que, a partir do momento em que ele começou a frequentar o banco da universidade, ele começou a se ver como um educador. Ele só conseguiu ter essa essa visão a partir do momento em que começou a cursar a Licenciatura em Artes. Percebi o mesmo processo de se enxergar como educadora, professora, assim como Helder.

Por trabalhar em uma escola, enxergo em mim, um papel no processo educativo das crianças e adolescentes. Penso na importância de passar tudo de bom para alunos que vejo meus intervalos, mas também para as pessoas, crianças que frequentam minha casa, até minha própria filha. Tal como Helder, me enxergo como educadora em todos os aspectos da minha vida, na escola ou fora dela, nos espaços formais e nos informais.

Além de passar a estar habilitado para atuar na educação formal, o curso superior deu a ele mais segurança para essa atuação, porque ele poderia trabalhar com mais tranquilidade, com mais fluidez.

A decisão de ingressar em uma universidade foi influenciada por suas filhas, que o incentivaram. A ideia de ter um salário melhor para suprir as necessidades estava presente. Ele nunca teve outras oportunidades de estudar, principalmente por causa das características do seu trabalho com artesão, que o levava a estar sempre viajando. Havia uma responsabilidade com a garantia do sustento da sua família.

As responsabilidades com a família parecem estar sempre presentes em casos como o

nosso, afinal, muitas vezes somos os únicos ou principais responsáveis por trazer o salário para dentro de casa. Ele teve que escolher: ou trabalhar ou estudar. O que me atrasou dos estudos, dos bancos acadêmicos, foi justamente o trabalho.

Helder terminou o curso superior e está morando na cidade de Goiás, cursa uma especialização em arte e pensa, futuramente, em trabalhar como professor na área. Quando terminar o curso superior, penso em trabalhar como professora de arte ou na educação infantil. Tudo o que eu trago na minha bagagem, eu penso em ensinar.

Há, na família de Helder, mais pessoas com formação em nível superior. Tem historiador, tem ambientalista, tem enfermeira. Ele vem de uma família cujo acesso à educação foi mais amplo, maior do que a minha família. Helder manifesta um sentimento de mais responsabilidade após ter concluído o curso superior. Responsabilidade com o público dele, ou seja, responsabilidade como professor. Ele agora se sente na responsabilidade de repassar o que aprendeu para os alunos, para as pessoas que o cercam.

Está presente em Helder um desejo de devolver para a sociedade o que recebeu, por ter sido um curso gratuito. Torna-se um compromisso ético, o que é algo muito bonito de se ver. Me enxergo nessa fala, pois sinto que a partir do momento que a gente conseguir concluir esse curso superior oferecido pelo governo federal a gente realmente tem que repassar esse conhecimento para alguém. A gente tem que retribuir de alguma forma para o nosso semelhante, agora, como professores.

Jairo, outro dos entrevistados, aponta uma importância muito grande a respeito do curso superior. Ele diz que quando uma pessoa cursa o ensino superior, ela se torna uma pessoa autônoma. Observo essa transformação nas pessoas, percebida pela fala ou pelo modo de se posicionar. Jairo fala que já se sentiu cobrado pelas pessoas por não possuir o curso superior.

Fala que por causa das políticas descontínuas dos governos, esses mesmos governos dão cargos para pessoas extremamente preconceituosas que, normalmente, recebem cargos nas instituições governamentais. Por causa desse preconceito, essas pessoas fazem outras pessoas sofrerem. Há um julgamento daquela pessoa só por causa de um curso superior que ela não tem, sem realmente ver e analisar a bagagem que aquela pessoa traz de conhecimento.

Jairo sempre trabalhou com a arte. Fala da importância de estarmos atentos com as pessoas que ocupam esses cargos, por conta de práticas preconceituosas com hábitos de massacrar as outras pessoas que simplesmente não têm um curso superior. Elas são cobradas, elas são inferiorizadas. Já vivi essa experiência no contexto da educação formal, com gestores que muitas vezes parecem atuar para dificultar a vida de quem trabalha.



Figura 23. Jairo, egresso do curso de Licenciatura em Artes Visuais

Sua reflexão nos leva a fazer uma análise a nível de governos, a nível de sistema político, o que é importante para podermos fazer análises para além do que a gente vê, além do que a gente sente imediatamente, pois é importante olhar para o sistema político que temos no nosso país.

Sobre não ter curso superior por tanto tempo, ele fala que a metodologia usada para alienar o sujeito é o conceito de meritocracia, algo usado para que uma pessoa dentro de sua subjetividade aceite um tipo de orientação direcionada e inquestionável que edita sua vida e o domina através dos desejos e do consumo.

Além disso, em relação à educação que nos é dada é uma educação que veio da Europa, uma educação que não é nossa, que não foi fundada aqui dentro do Brasil, relacionada com nossos conhecimentos, nossa cultura. Aponta que essa educação que a gente recebe nos mostra a ideia de mérito, nos levando a ficarmos alienados e a mercê da situação.

Jairo fala que pela nota do ENEM que ele conseguiu, ele iria fazer um curso superior em filosofia, mas um professor do IF o convenceu de que ele também iria ver muitas das disciplinas que tinha em filosofia fazendo licenciatura em artes visuais já que, além de tudo, tinha tudo a ver com a profissão que ele já exercia, que era artesão, artista.

É diferente de mim, por exemplo, que a minha única oportunidade de fazer um curso superior foi realmente no IFG, na Licenciatura em Artes Visuais porque anteriormente eu nunca tive outra oportunidade de fazer nenhum outro curso superior. Jairo fala que ele mesmo foi o incentivador de continuar os estudos, de cursar um curso superior. Contou que teve um empurrãozinho da amiga dele, Badia, que é tecelã, educadora, além do incentivo da família dele.

E ressalta que, apesar do país passar por um golpe, a democracia continua no Brasil e, mesmo que com muita dificuldade, a democracia chega e a educação também acontece. Mesmo com muita dificuldade, a educação permanece.

Jairo diz também que o motivo dele ter feito um curso superior em artes visuais foi porque ele já é um artesão, com 50 anos de carreira. Ele achou que com esse curso superior, ele também poderia ensinar e aprender e se tornar um professor de arte.

Esse interesse em atuar na educação compõe os objetivos de Élder, Dalvalina e Jairo. Passou a ser um desejo meu, também, ao longo do curso de Licenciatura. Eu, que já estou há aproximadamente trinta anos na educação, poderia, a partir de então, me ver naquele lugar, agora, em outro contexto, como professora.

Mesmo ciente da diferença entre salário e status social em relação a outras profissões, tornar-se professor continua sendo uma importante conquista. Locatelli e Diniz-Pereira (2019, p. 234) observam que tornar-se professor representa a saída de “uma situação de pobreza para uma realidade de maior segurança e estabilidade econômica, condição que lhe garante um diferencial junto à população em geral e em relação à sua própria família.”

Ao falar sobre o que provocou o atraso da sua entrada na universidade, Jairo lembra que antes dos governos progressistas, era muito difícil um operário entrar em um curso superior. Ele fala que isso é estrutural e que só agora com esses governos progressistas se tornou mais fácil para as pessoas entrarem em um curso superior, principalmente aquelas com menos condição

financeira, as pessoas mais humildes.

O acesso à educação é um problema antigo. Ao perguntar à minha mãe o motivo dela não ter estudado, ela me falou que era muito humilde, sua mãe era viúva e não tinha condição de mantê-las na escola. Então, como seu Jairo fala, é uma questão estrutural, isso já vem de muito tempo. Os filhos das pessoas com pequeno poder econômico não têm condições de estudar.

Sobre o meu pai, que também não estudou, ele sempre me respondeu que a vida dele era trabalhar e morar na roça, que era muito difícil vir para a cidade para estudar, porque o pai dele não tinha dinheiro para mantê-los.

A nossa quarta entrevistada, Marcelene, trouxe, também, um relato bastante semelhante ao meu. Ela diz que o curso superior trouxe para ela uma expansão de vivências, abriu portas, janelas. Então, a partir da conclusão do curso, ela conseguiu aprimorar seu trabalho e abrir um ateliê. Fala que antes dessa conquista estava depressiva e acreditava que nunca mais daria conta de entrar em uma sala de aula, de estudar, e muito menos de concluir um curso superior. Diz que melhorou muito depois que começou a estudar - a depressão praticamente foi embora. Hoje, inclusive, ela já está pensando em fazer uma pós-graduação.

Defende que um curso superior é uma “faculdade da vida”. Ela nem imaginava o que encontraria dentro da universidade porque esse espaço não existia para ela como uma possibilidade. Entrou no curso através de uma reportagem mencionada por uma vizinha, que falou do curso licenciatura em Artes Visuais oferecido pelo IFG Câmpus Cidade de Goiás. Realizou uma redação como processo seletivo e “entrou no susto”, expressão que usa para referir-se à surpresa que foi ser selecionada. Mal sabia do que se tratava aquele curso superior.

Compartilha que na adolescência tinha o sonho de estudar para atuar como designer de interiores, um curso ofertado em outra cidade. Sem apoio da mãe, esse sonho foi deixado para trás. Havia preocupações em jogo, como a necessidade de supervisão, impossível, algo impossível para aquela família realizar com a distância.

(...) “No que se refere aos processos seletivos existentes, como, por exemplo, o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), a opção por um curso de licenciatura, quando da entrada no ensino superior, tem sido feita, em geral, por alunos com desempenhos acadêmicos mais baixos, por aqueles que têm pressa para trabalhar ou que já estão no mercado de trabalho. Percebe-se que parte significativa dos estudantes de licenciatura, com origem nas camadas de renda mais baixa da sociedade, não chegam ao magistério por uma opção profissional, mas sim por um movimento de abandono em relação ao que realmente gostariam de fazer. Trata-se de uma realidade que os estudantes da educação básica (pública ou privada), que ingressam no ensino superior, na sua grande maioria, não têm a licenciatura como primeira opção (LOCATELLI e DINIZ-PEREIRA, 2019, P.226)

Terminar o curso superior recentemente foi uma surpresa, pois sempre se cobrava sobre

a realização desse desejo, afinal, muitos dos seus colegas da juventude foram cursar uma faculdade. Apesar do acaso de entrar no curso de Licenciatura em Artes Visuais, percebe que essa oportunidade tinha tudo a ver com sua trajetória, pois ela já atuava como artesã de bonecas.

Foi de grande valia para ela porque aprendeu a pesquisar sobre os personagens que transforma em bonecas. Produz personagens da vida real, ligados ao contexto do cidade Goiás (GO), como Cora Coralina, Maria Grampinho, Leodegária, Abadia. Outros personagens estão presentes, como a artista visual Frida Kahlo.

Sempre quis fazer uma faculdade, pois acreditava que os espaços se ampliariam, seja no mercado de trabalho seja melhorando como ser humano - a mente da gente fica mais ampla.



Figura 24. Marcelene, egressa do Curso de Licenciatura em Artes Visuais



Figura 25. Entrevista com Marcelene, egressa do Curso de Licenciatura em Artes Visuais

O quinto e último dos entrevistados, José Rogério, conhecido artisticamente como Kó, tem uma atuação bem consolidada como artista, tendo atuado como professor de escultura em pedra sabão desde muito cedo na Escola de Belas Artes na cidade de Goiás, quando foi cobrado pelos colegas que voltasse a estudar para continuar atuando como professor, algo que passou a deixá-lo incomodado.

Já teve a oportunidade de ingressar em um curso superior de geografia, porém não se identificava com o curso, compreendia que não tinha nada a ver com o trabalho que ele exercia, que era o trabalho como escultor em pedra sabão.

Concluir o curso de Licenciatura foi, segundo ele, maravilhoso, passou a se sentir melhor. Apesar de já ser um artista e artesão reconhecido, diz que passou a atuar como professor com mais segurança e com mais capacidade. Em relação ao curso de licenciatura em artes visuais, além dele ter se identificado, o ajudou a ter um melhor salário, lhe deu mais oportunidades. Sua expectativa hoje é cursar uma especialização, seguindo estudando mais um pouco.

Kó revela as dificuldades que teve para concluir o curso. Pensou várias vezes em desistir, situação semelhante à que vivenciei - cheguei a trancar a matrícula porque estava quase impossível continuar.

Essas dificuldades ligadas a entrar e permanecer na universidade parecem não ser uma experiência rara. Locatelli e Diniz-Pereira (2019, p.229) apontam que “a renda familiar dos estudantes de licenciatura no país, tomando como base os cinco cursos analisados, é baixa ou

extremamente baixa.”

Um ponto que Kó traz no seu depoimento, é sua frustração relacionada ao fato dos seus colegas de juventude terem cursado o ensino superior na “época certa”, que conseguiram emprego na “época certa”, que hoje em dia estão quase se aposentando, procurando um jeito de descansar.

Relata que fazer esse curso superior o fez sentir-se bem melhor, bem mais seguro, especialmente em situações sociais, como quando se senta em uma roda de colegas, de amigos, que já tem uma formação superior. Aponta que essa conquista é muito gratificante, melhorou sua autoestima. O ensino superior, na vida, faz isso com a gente.



Figura 26. José Rogério (Kó), egresso do Curso de Licenciatura em Artes Visuais



Figura 27. Entrevista com José Rogério (Kó), egresso do Curso de Licenciatura em Artes Visuais

2 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao realizar esta pesquisa de TCC, um dos objetivos era saber quais os significados do curso superior na vida das pessoas que pararam de estudar há muito tempo, ficando assim, muitos anos fora da sala de aula. Para compreender a importância do curso superior na vida de algumas pessoas, além de compartilhar minha experiência, entrevistei alunos egressos do curso de Licenciatura em Artes Visuais do IFG Câmpus Cidade de Goiás

Ao entrevistá-los, pude perceber que eles tinham um sonho em comum que era passar por uma faculdade. Pude perceber na fala de cada um deles o desejo de já ter tido a oportunidade de já ter cursado o ensino superior ainda na juventude, o que não foi possível devido a uma diversidade de motivos relatados na pesquisa.

Apesar das histórias de vida dos entrevistados terem suas particularidades, é possível perceber que a necessidade de trabalhar na juventude foi um motivo em comum que afastou os os participantes da pesquisa do sonho de cursar o ensino superior.

Todos tinham um sonho de voltar a estudar e ter um curso superior, o que não ocorreu antes por diversos motivos como, por exemplo, dificuldade financeira. Tiveram que parar de estudar para trabalhar ou, no caso das estudantes egressas, casaram e foram cuidar de casa, marido e filhos.

A importância da faculdade se reflete no aumento das oportunidades profissionais, na possibilidade de ganhar melhores salários e, também, é percebida no crescimento pessoal. A conquista de um diploma de curso superior completa o perfil de cada pessoa e garante um valor maior no mercado de trabalho.

No decorrer da escrita desse trabalho, pude ver que os significados do ensino superior para as nossas vidas profissionais têm sido inquestionáveis. Além disso, não é somente a construção da carreira que é beneficiada com o certificado do curso superior, mas também o crescimento intelectual de cada pessoa que fica visível no decorrer da caminhada acadêmica.

A realização deste trabalho de conclusão de curso foi muito gratificante para mim em vários aspectos, pois tive a oportunidade de fazer um breve relato sobre minha vida, quem sou eu, de onde vim, meu trabalho como servidora pública e fotógrafa, meu papel de mãe, dona de casa e outros.

Com essa pesquisa também percebi que compartilho ideias, opiniões e sonhos semelhantes aos dos alunos egressos a respeito da importância da educação superior na vida de cada um de nós.

Pude observar dois pontos principais que levaram todos a voltar a estudar. O primeiro deles está ligado a uma questão de se sentir uma pessoa com mais dignidade, mais reconhecida intelectualmente a partir da crença de que o diploma de nível superior era capaz de restaurar nossa autoestima. Apesar de compreender que nós, quando não tínhamos o curso superior, éramos dignos, merecedores de valor e respeito, os espaços sociais que convivemos nos inferiorizam repetidamente por causa da nossa escolaridade.

O segundo ponto seria devido ao trabalho com a arte que muitos exerciam, seja em experiências de ensino não formais como oficinas e pequenos cursos, seja na produção artística e artesanal. Para trabalhar como professor em espaços formais era necessário ter o curso superior.

Ao analisar os resultados das entrevistas que fiz com esses egressos, pude ver que as falas deles tem muito a ver com o meu desejo e o desejo de outras pessoas de ter um curso superior. Durante as conversas realizadas, apesar dos pontos em comum com todos, as particularidades da história de vida de Marcelene (2023) pareciam um espelho das histórias que vivenciei tanto em relação aos motivos que a afastaram da sala de aula quanto aos frutos que colheu com a licenciatura. Quando Marcelene (2023) falava, eu pensava: é exatamente o que eu sinto!

Cansados de viver as vidas difíceis que vivíamos, sem melhoria, com trabalhos insuficientes para manter a vida, precisando ter alimentação, lazer ou moradia mais digna, o estudo era uma esperança que poderia ajudar a suprir nossas necessidades. Um direito que nos foi negado na juventude vem ao nosso encontro agora.

É importante abraçar essa oportunidade, mas longe de nos sentirmos culpados por não termos conquistado o ensino superior em outra época. É importante que a gente tenha clareza que a falta de compromisso do Estado com a educação foi o motivo que nos afastou das salas de aula. Sem culpa e felizes que essa conquista um dia chegou.

3 REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G. **Passageiros da Noite**: do trabalho para a EJA: Itinerário pelo direito a uma vida justa. Petrópolis: Vozes, 2017.

CHASE, Susan E. Investigación narrativa: multiplicidad de enfoques, perspectivas y voces. In DENZIN, Norman K e LINCOLN, Yvonna S. (Coords.). **Métodos de recolección y análisis de datos - Manual de investigación cualitativa. Volumen IV**. Barcelona: Editorial Gedisa,

2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro-São Paulo: Paz e Terra, 2020

LOCATELLI, C., & DINIZ-PEREIRA, J. E. (2019). QUEM SÃO OS ATUAIS ESTUDANTES DAS LICENCIATURAS NO BRASIL? Perfil socioeconômico e relação com o magistério. **Cadernos De Pesquisa**, 26(3), 225–243. Disponível em: <https://doi.org/10.18764/2178-2229.v26n3p225-243>. Acesso em 10 dez. 2024.

ANEXO 1 - Entrevistas

Entrevista Dalvalina:

O curso superior foi extremamente importante para mim em todos os âmbitos; familiar, social e profissional. Posso dizer que o principal motivo que me levou a cursar o ensino superior foi em relação ao trabalho ao qual eu exercia na época. Pois, eu só tinha cursado o ensino médio e comecei a ficar incomodada, com isso senti a necessidade de correr atrás do tempo perdido.

Até mesmo estava cursando o curso superior. Já tentei outros cursos superiores, mas o que me identifiquei foi o de Licenciatura em Artes Visuais pelo IFG, pois é dentro da área que atuo no meu trabalho. A pessoa que mais me influenciou a fazer um curso superior foi a diretora da escola onde eu trabalhava (Cida Macedo), professora na UEG de Jussara. Já tive várias oportunidades de ingressar na Universidade, o que me afastou da Universidade anteriormente foi o difícil acesso, devido morar em Itapirapuã. Naquela época não existia Universidade próxima a minha cidade e nem transporte que me levasse à outra localidade mais distante, pois concluí o ensino médio no ano de 1982 e nessa ocasião tudo era mais restrito. Minhas expectativas para o futuro são as melhores possíveis, pois o conhecimento é algo que levamos para a vida toda. Sempre que posso estou em busca de aprimorar o que eu aprendi no banco da faculdade para desenvolver um trabalho de qualidade. Me formei com 58 anos de idade, conquistando o diploma do curso superior histórico da minha família, pois meus pais eram analfabetos e meus irmãos concluíram somente o ensino fundamental, apenas minha irmã continuou os estudos tornou-se graduada em pedagogia. Posso dizer que a conclusão do curso superior mudou completamente minha vida

Entrevista Helder.

Seu Helder, qual a importância do curso superior para você?

Então, essa importância do curso, no primeiro momento, é por causa do meu trabalho, eu já trabalho com arte, então eu era procurado na rua, eu sempre expus na rua, em alguns lugares também, que a gente expõe arte e tal, mas em primeiro momento eu trabalhava muito na rua.

O que me levou a chegar na universidade foi que as pessoas começaram a me procurar, desde professores, professores educadores, para eu poder levar minha arte para a escola, e depois começaram a me procurar para me dar oficinas, aí foi isso que me chamou a atenção, até eu procurar o curso no IFG Câmpus Cidade de Goiás, aí vim para cá para Goiás, e eu morava em Goiânia, aí vim para cá para me estudar.

Você já se sentiu cobrado ou até mesmo inferiorizado pela sociedade por não ter um curso superior?

Inferiorizado, nunca assim não, sabe? Quando tem essa questão de inferior, eu nunca me senti inferior por não ter estudado, não. Até porque cada pessoa carrega uma bagagem, uma bagagem de conhecimento, e essa bagagem de conhecimento é que faz a interação da universidade, eu trago meu conhecimento para dentro da universidade, e a universidade me permite ter um estudo focado em determinada área, que na minha era a arte, e que a gente passa mais a perceber a arte enquanto educação, que eu exponho a

arte como elemento para a sustentabilidade, agora eu achei um meio de entrar na universidade quanto educador, e até não tinha me percebido educador até então, mas a partir do momento que eu fui indo na universidade, já me senti que eu já era um educador, então foi isso que eu cheguei até aí.

Como você se sentia por não ter ingressado na faculdade?

A gente fica meio que assim, é porque eu enquanto artista, eu dependo também da universidade para poder focar o meu trabalho, até como educador, agora para fazer a arte, essa arte a gente já tem ela, eu falo assim, desde criança, desde pequeno eu trabalho com arte, mexo com essa arte.

Quem foi a pessoa que mais influenciou você a fazer um curso superior? Eu tenho duas filhas, e sempre elas me chamavam atenção, eu estava estudando também, elas já estavam fazendo a faculdade, e perguntou porque eu não fazia uma universidade, nem uma faculdade, o pessoal fala, você é inteligente, faz uma universidade para você arrumar alguma coisa, é isso, mas assim, fui mais influenciado pela minha filha mesmo, pelos familiares também que gostam da gente, que querem ver a gente melhor, e pensam logo no estudo para suprir essas necessidades. **Por que você se interessou pelo curso de licenciatura em artes visuais, no IFG?** Sim, o IFG foi uma sementinha, eu vi na mídia que o IFG estava abrindo vagas, e aí aconteceu de eu vir para cá, me inscrevi, fiz um vestibular e passei. **Você já teve outras oportunidades de ingressar sua universidade?** Não, nunca tive não, porque a minha vida foi só trabalho, era muito trabalho e viagem, eu viajei durante 20 anos, então, dentro desses 20 anos eu viajava e tinha família e tudo, então, foi isso, só mais trabalhar mesmo, não tinha como antes eu entrar na universidade.

O que você considera que o afastou da universidade anteriormente?

Anteriormente foi o serviço mesmo, por causa que eu tinha que trabalhar. **Quais são as suas expectativas para o seu futuro?**

Então, eu vim para Goiás para me estudar, fiquei esses quatro anos estudando, e dentro desses quatro anos eu comprei um lote aqui na cidade, eu sou de Goiânia e comprei um lote aqui em Goiás. Aí terminei a faculdade e construí, o meu objetivo não era ficar aqui, mas aí a cidade me convidou para eu poder ficar aqui e eu aceitei, estou até hoje aqui. Mas então, fiquei um ano construindo, depois que eu terminei a faculdade, faz dois anos sem estudar, mas agora esse ano eu estou voltando a estudar de novo, estou fazendo uma especialização em artes, tendo um ensino de artes, para dar continuidade a esse trabalho meu também, que eu penso ser um professor ainda dentro da área da arte, arte educador.

Com quantos anos você conquistou o diploma de nível superior? Então, esse aí foi com 48, não, foi com 40, acho que eu já tinha 50 anos, é 50 anos, na verdade. Eu comecei com 48, 49, 50, 52 anos, terminei.

Você deu continuidade aos seus estudos após a conclusão do curso superior? Sim, eu estudei, estudei por conta, não foi na faculdade, mas continuei sim com meus estudos. Com a minha pesquisa, na verdade, com a minha pesquisa na arte, que eu estava trabalhando, a minha formação, o meu TCC foi sobre o papel, a parte artesanal, eu continuo com essa pesquisa ainda. Legal.

Qual o histórico do acesso à formação superior na sua família? Pais, irmãos, filhos? Assim, historicamente, sua família, tem mais pessoas que tem curso superior?

Sim, minha família toda, assim, meus irmãos todos são formados, né, são áreas distintas, mas tem historiador, tem biólogo, tem enfermeira, tem ambientalista também,

assistente social, tem sete irmãos, cada um tem uma formação diferente. Muito bom. E agora você, né? Licenciado em artes. Sim, agora licenciado em artes. **Como você se sente após ter concluído o curso superior? O que mudou na sua vida?**

O que muda na vida da gente, depois da faculdade, é um pouco a responsabilidade, né, que a gente tem que ter uma responsabilidade, assim, em respeito na questão do professor, né, tem que ter muita responsabilidade em passar esse ensinamento, as coisas que a gente aprendeu, para frente. Então é isso, mais responsável um pouco, né.

Entrevista com Jairo:

1- Qual a importância do curso superior para você.

Para mim foi bastante importante. Pude, em primeiro lugar, receber respostas as quais indagava e que só a ciência pode trazer as respostas. Por outro lado, acredito que precisa vir a ser importante à todas e todos estudantes na medida que as necessidades do país apontam para a educação como orientação para a autonomia. E isso tem que ser absorvido.

2- Qual o motivo que te levou a cursar o ensino superior?

Sempre fui uma pessoa curiosa em relação ao saber. Nos estudos tive uma participação bastante descontinuada. Terminei o primário aos 12 anos, o ginásio através de Supletivo e o segundo grau na EJA aos 60 anos. A educação foi o motivo. Sempre soube que ela era a base de toda excelência.

3- Você já se sentiu cobrado ou até mesmo inferiorizado pela sociedade, por não ter um curso superior?

Já me senti cobrado, mas não pela sociedade. O estado, em suas políticas descontínuas, abriga por vezes pessoas extremamente preconceituosas em várias de suas instituições e são elas que se entendendo poder, confrontam com categorias e seus componentes. Na arte, categoria que atuo, confrontei com esse tipo de situação. A pessoa passou enquanto eu governo contínuo enquanto artesão/artista/educador. A frase por ela usada foi o trampolim que usei para mergulhar no mundo do saber. Saí do curso superior ciente que as opiniões que defendia puderam ser canceladas com as avaliações que tive.

4- Como você se sentia por não ter ingressado na faculdade?

A metodologia usada para alienar o sujeito, é o conceito de meritocracia. É usado para que a pessoa dentro de sua subjetividade aceite uma tipo orientação direcionada e inquestionável que dita sua vida e o domina através dos desejos e o consumo. Esse tipo de armadilha não funciona quando se pensa e age coletivamente e quando assim é, mais conhecimentos são juntados e isso dentro de um senso comum, parecia o suficiente para eticamente ir conduzindo a vida.

5- Você já tentou fazer algum outro curso superior?

46

Não, quando consegui nota suficiente no ENEM para concluir o ensino médio, bem que fui até a UFG para matricular em Filosofia, mas voltando ao IF um amigo professor me convenceu que iria ver muito dessa disciplina durante o curso. Daí fiquei.

6- Quem foi a pessoa que mais influenciou você a fazer um curso superior?

Acredito que tenha sido eu mesmo, mas quem despertou para a possibilidade foi a colega artesã Maria Abadia, tecelã e educadora. Minha família influenciou a ponto de empenhar condições para que tudo desse certo, como de fato aconteceu e a situação sócio política que mesmo havendo um golpe em percurso, o país foi capaz de assegurar a democracia e a educação mesmo que “capenga”, pode atravessar esse período e “sonhar” com alvissareiras décadas.

7- Por que você se interessou pelo curso de Licenciatura em Artes Visuais no IFG?

Desde o início, acreditava que por ser artesão, eu teria muito para contribuir e também que em algum momento eu poderia estar ali ensinando em seus ateliês meus 50 anos de experiência. Apenas elucubrações.

08- Você já teve outras oportunidades de ingressar na

universidade? Não tive.

9- O que você considera que o afastou da universidade anteriormente?

Antes dos governos progressistas era muito difícil um operário entrar em um curso superior. É estrutural. Na graduação estudamos que políticas voltadas para educação são socialmente seletivas desde seu nascedouro. Depois dos filhos crescidos e ainda pegando um naco do governo progressista, pude enfrentar o curso superior, não obstante consumado o golpe contra a cultura.

10- Quais são as suas expectativas para o seu futuro?

Bem boas. Entendendo que o país voltará ao sistema legalista e a educação é prioridade para que isso se sustente. Só uma educação libertadora assegura a autonomia. Nessa sequência de conquistas quem ganha é o coletivo da sociedade.

11- Com quantos anos você conquistou o diploma de nível

superior? Aos 66 anos.

12- Você deu continuidade aos seus estudos após a conclusão do curso superior?

Sim, atualmente estou fazendo uma especialização em Artes Visuais na FAV-UFG. Essa semana terminou a primeira disciplina. Estou empolgado com o curso.

13- Qual o histórico do acesso à formação superior na sua família? (pais, irmãos, filhos)

Dos filhos de minha mãe, somente eu. Na minha família, uma enteada graduou-se na UNB no Curso de Licenciatura no Campo e uma filha faz Geografia na UFG.

14- Como você se sente após ter concluído o curso superior, o que mudou na sua vida?

Foi muito importante para mim e minha família. Sinto também que pude ser um incentivo para que outras pessoas também frequentassem um curso superior independente da idade.

Por outro lado, tudo muda. Para mim, a vontade é estudar sempre. Pesquisar. Manter a utopia em dia.

Entrevista com Marcelene

Qual a importância do curso superior para você, Marcelene?

Olha... O curso, ele foi muito importante, porque depois do curso, ele abre muitas janelas, muitas portas para a gente, a gente tem uma outra visão de quase tudo, sabe? Te dar muito suporte, porque a gente quando entra, entra muito desanimado, né? Como entrou já tardio... Aí você acha que... eu, pelo menos quando eu entrei, eu e nada era a mesma coisa. Processo de depressão, toda uma dificuldade, então eu achava que não ia conseguir nunca. Aí depois, quando terminei a graduação, já foi completamente diferente. E me ajudou muito agora o pós, né? No meu trabalho, na minha vida, totalmente. Porque o curso, ele te dá esse apoio, né? É um apoio para você, um suporte para você melhorar em vários sentidos, né? Financeiro, profissional, o emocional, porque a gente quase morre todo final de semestre. Então, você tem que aprender a dominar isso tudo, né?

Qual o motivo que te levou a cursar o ensino superior?

O ensino superior, na minha vida, já estava fora. Já não fazia parte mais da minha vida um curso superior. Aí quando uma vizinha falou do curso, que tinha umas vagas que era para ir lá fazer, eu falei, que horas que eu vou fazer, que eu faço bonecas? Tinha o meu artesanato? Não, depois que você vier, você faz, né? E, foi, chama sua irmã, sua filha. Eu chamei a minha filha, ela já tinha uma graduação e ela já era afim de fazer. Nós fizemos uma prova, que era uma redação. Aí quando passou, eu entrei no susto. Para falar a verdade, eu não sabia nem o que, que era o curso realmente. Eu só ouvia falar, mas nunca aprofundi, porque não fazia mais parte da minha vida. Faculdade então, eu nunca importei de saber o que era realmente artes visuais. Aí quando eu entrei, que eu fiquei sabendo que ia nós capacitar para dar aula, eu falei, nossa, eu não queria dar aula mais na minha vida. Entrei no curso que era para dar aula e fui ficando. E todo final de semestre, achando que não ia conseguir. E consegui todos os semestres, não deixar nenhuma disciplina para trás. E passei em todas. A média era 6, a minha menor é 7,4 parece. Então assim, eu achava que não ia conseguir desde o primeiro período. E fui conseguindo, fui conseguindo. E não deixei nenhuma.

Você se sentiu cobrada ou até mesmo inferiorizada pela sociedade por não ter um curso superior?

Não, até que não. No meu trabalho, não tinha essa necessidade, essa cobrança totalmente. Mas a gente mesmo se cobra. Às vezes, de não ter conseguido fazer um curso superior, mas sempre foi tranquilo. Chegou uma época, quando eu queria, na adolescência, que eu fiz o médio, eu queria era na área de decoração de interiores. Isso que eu gostava. Mas a minha mãe não deu apoio na época. Eu não conseguia sobreviver lá sozinha, porque é adolescente. E não deixou o meu pai. Porque o pai, quando apoia e vai, a gente consegue. Aí minha mãe ficou tirando e eu fui ficando. Aqui em Goiás, os que tinha na época, eu não interessava. Aí depois você casa, vem filho, vem isso, vem aquilo e vai ficando. Aí foi que eu achei que não fazia mais parte da minha vida. Quando veio esse curso e eu gostei muito. Aí quando eu fui fazer, quando eu fiquei

48

sabendo que era para capacitar para ser um professor de artes, aí depois que eu fui vendo que tudo tinha a ver comigo, com o meu trabalho, que eu já gostava. Então eu acho que por isso que foi ficando até mais tranquilo. Esse trajeto. Porque estava falando do que eu gostava muito. Eu achava que não.

Como você se sentia por não ter ingressado na faculdade?

No começo até eu queria. Porque até as colegas, todos vão fazer uma faculdade, isso, daquilo. E aí depois foi passando, foi que eu fui achando que não fazia mais parte. Foi tranquilo, foi ficando, ficando. Aqui em Goiás não tinha um curso mesmo que eu queria. E depois você tem família, você fica complicado para ir para outra cidade para fazer a faculdade. E aí já estava, já ficou o normal, já estava normal não ter. E aí quando aconteceu, foi bom.

Quem foi a pessoa que mais influenciou você a fazer um curso superior? Não sei se seria assim, influenciar. Mas ela foi a que comunicou. Que me falou que tinha essas vagas. Foi a Badia, que ela morava próximo da minha mãe. E ela estava sabendo dessas vagas remanescentes lá. Até ela falou que não, é só fazer a inscrição. Aí quando a minha menina chegou lá, tinha que fazer uma prova. Que era uma redação para eu poder entrar. E aí nós fizemos, passei. E aí nós começamos o curso. Não foi nem tanto assim, muito influenciar. Foi informar, e aí foi decisão nossa.

Por que você se interessou pelo curso de licenciatura em artes visuais no IFG? Até que foi o que tinha na cidade, né? Era o único que tinha na cidade de licenciatura. E na outra eu já falei, né? Que eu nem sabia direito o que que era o curso. Eu entrei mesmo assim, de latada. Fiquei sabendo foi depois. E quando diz depois que está dentro, não saí. Foi, porque realmente, eu não sabia mesmo. Porque eu já tinha ouvido outras pessoas, tudo. Estavam fazendo curso de licenciatura em artes visuais. Mas eu não, sabe quando você, assim... Eu não interessei em saber o que que era o curso, pra que que era. Não, sabe? Eu não tinha essa informação mesmo.

Você já teve outras oportunidades de ingressar na universidade? Não, foi... Essa foi a única que foi possível.

O que você considera que o afastou da universidade anteriormente? Não ter o curso que eu gostaria de fazer na cidade. Não ter o apoio da minha mãe, pai e depois, família. Casei, tive filhos e foi ficando, ficando.

Quais são as suas expectativas para o seu futuro?

Espero que a cada dia fique melhor, né? Porque no meu trabalho mesmo, eu uso muito a pesquisa. Eu até aprendi mais a fazer esse trabalho na universidade mesmo. Pesquisar sobre... Porque eu trabalho com bonecas. Eu pesquiso sobre a pessoa pra depois eu fazer a boneca, né? Então, a universidade me deu esse suporte.

Que a cada dia eu pretendo melhorar, né? A gente sempre pretende melhorar o trabalho. Esse trabalho de pesquisa. Esse trabalho de levar não só a boneca, mas a história. Mas com o conteúdo, né? Não só a boneca. A história, a cultura. Eu trabalho muito com essas bonecas, né? As mulheres da cidade. Então, essa pesquisa, esse trabalho... Eu fiz esse olhar, esse outro olhar por essas pessoas, né? Não é só meramente fazer uma boneca e comercializar. Ela tem todo um trabalho de pesquisa. E por eu...

Ela tem uma história, é isso?

É, tem. Quase todas as minhas bonecas têm história. Eu faço a Cora, a Maria Grampinha, a Leodegária, a Frida, a Abadiinha. Que é aqui da cidade. E a maioria são mulheres. Então, eu procuro contar a história dessas mulheres. E também trazer um outro olhar para a história dessas mulheres. Que é igual a Maria Grampinha. Ela era andarilha durante o dia. Por famílias, acolhia. Dava água, comida. Mas à noite, à tardezinha, ela ia para o porão da casa de Cora. E aí, através das bonecas... Eu, quando criança que eu conhecia, era muita criança... Hostilizava, mexia. Ter esse respeito pela

pessoa que mora na rua. As pessoas de idade. Que as crianças vão levando esse outro olhar para a casa. Esses conceitos. Ontem achei engraçadinho ver um menininho aqui. Ele colocou...

Porque pode pôr recadinhos. Pode colocar enfeites na Santa Maria. Ele colocou que. O

dizerzinho dele eu achei engraçadinho. Ele ficou um tempão sem saber o que que ele escrevia. Depois ele pôs assim... Não tem problema ser negra. E ele é pequenininho. Achei engraçadinho. Sejam bons com os negros. Tem uns recadinhos muito interessantes e de criança. Eles colocam que teve um aí. Que a menina... Menino tinha também. Ela pôs um parecendo que tinha sido um adulto escrevendo. Você vê que a criança tem essa conscientização. Hoje em dia, essa conscientização. E se levar dessa história, desse conteúdo. As crianças vão se conscientizando e levando para casa. Porque muitas vezes essa hostilidade. Todo esse racismo. Vem de casa. Muitas vezes é de casa. Então, as crianças vão aprendendo. Tendo esse contato. Essas informações. Eles vão levando outros conceitos para dentro de casa. E que possam crescer nos adultos melhores. Melhores, na verdade. Isso mesmo.

Com quantos anos você conquistou o diploma de nível superior? Eu tenho que fazer as contas. Eu sou ruim. Foi em 21. Só mais ou menos? Não guardo não. Eu sou ruim demais em data, ah, eu não guardo. Foi nós estamos em 23, 21. Tem 21, 22, 23... Dois anos. 44... 42. 42? 42. 41, 42. Porque acho que nós formamos... 42, mais ou menos.

Você deu continuidade aos seus estudos após a conclusão do curso superior? Não. Não. Porque eu fiquei muito... O meu trabalho ficou muito de lado. Com a graduação. Principalmente, mais pro final, né? Mais complicado. Aí, depois que eu terminei, eu quis... Agora, eu falei, não. Agora eu vou focar em meu trabalho. E até mesmo, depois de uma graduação, sua cabeça fica mil, né? Muita coisa que você quer agregar no seu trabalho. E aí, eu fui fazer capacitações online. De bonequeiras, que é no meu ramo, né? Mesmo de lives, assim. Não só do conteúdo de boneca, mas de todo um trabalho, assim. Esse geral envolvendo a boneca, né? A bonecaria. Mas com essa conscientização. Por isso que muitas vezes as bonecas... Eu trago versos da Cora. Trago frases, né? Da Maria, que é Bonecas Negras Importam. Racismo não tem cor. Então, assim, esses conceitos você agrega muito quando você faz uma faculdade, né? Faz um curso superior e você já tem mais conscientização a respeito de todos esses... Amplia. Muito. E aí, eu só estou procurando trabalhar um pouco mais nesse ponto. Mas na área da graduação mesmo, não.

Qual o histórico do acesso à formação superior na sua família? Pais, irmãos, filhos...

A minha filha. A minha filha que fez primeiro. Foi a primeira a ter o curso superior. Ela fez serviço social. E aí, depois... Assim, a família, o mais resumido, né? Pai, mãe, irmã, irmão. Minhas filhas, ela foi a primeira. E depois eu. Eu já mais. De idade. Como você se sente após ter concluído o curso superior? O que mudou na sua vida? Mas se você quiser falar só um pouquinho...

A mudança é essa. É esse... Abrir o leque. Se abrir o leque. Perceber, muitas vezes, nessas entrelinhas. Perceber o que pode ser mudado. O que está acontecendo. Não está legal que você tenha essa visão. Porque, às vezes, antes você veria uma ação. E está tudo bem. Está tudo certo. Aí, depois, quando você faz uma graduação. Porque esse leque abre, você vai ver. Não, essa situação está legal. Não pode ser assim. Pode ser diferente. O que eu posso tentar mudar. Muitas vezes, às vezes, eu não mudo na vida da pessoa. Mas eu mudo aqui com as minhas bonecas. Muitas vezes, aqui no ateliê, chegam pessoas que falam que... Teve um mesmo assim. Nossa, é minha inspiração para a vida toda. Eu falei, eu? E, assim, coisas que a gente conversa. Coisas a respeito do

meu trabalho. Então, assim, a gente muda. E pessoas também mudam a nossa volta. Porque a gente consegue, às vezes... Vendo a gente como exemplo. É, muitas vezes. Não tem mar de rosas. A gente tem muitas dificuldades, muitos problemas. Mas você vai superando. E com a sua superação, você acaba, às vezes, você ajudando a pessoa. Porque

you já esteve ali naquele lugar. Aí você consegue ajudar aquela pessoa que, às vezes, está naquele lugar que você já esteve. Então, assim, você consegue, de alguma forma, inspirar ou ajudar. Ou também não. Mas a gente faz o possível. Para ajudar.

Entrevista com José Rogério (Kó)

Qual a importância do curso superior para você? Qual o motivo que te levou a cursar O ensino superior? Você já se sentiu cobrado Ou até mesmo Inferiorizado pela sociedade, por não ter um curso Superior? Você já se sentiu cobrado, ou até mesmo Inferiorizado pela sociedade por não ter um curso Superior?

Então, a importância do curso superior é... você ser artesão você ser artista, sem estudo eu acredito que você não vai a lugar nenhum. Por isso que existe os autodidatas, aquela coisa e tudo, mas eu tenho um respeito um carinho por isso, mesmo as pessoas, não deixa de ser artista porque não tem estudo. Mas só que tem que o estudo, ele soma tudo, ele engloba tudo, ele ajuda tudo, ele abre as portas para você, entendeu? Então, eu penso assim, porque, eu Parei de estudar ainda bem jovem, muito jovem e eu fiquei dezesseis anos sem estudar, e quando foi em noventa e nove. Eu fui chamado para fazer parte da equipe de professores da Belas Artes, onde o meu professor me deu aula lá o Valdeir Dias E... Então eu via fazer planejamento, fazer isso, fazer aquilo. A diretora, o pessoal da escola Sempre me pegando Có você tem que voltar a estudar, vamos voltar a estudar, você sabe muito, o que você faz você sabe muito, mas o estudo vai valorizar, você faz com que você abra as portas para você. Eu fiquei com aquilo e me espremendo aquele tempo tudo eu fiquei doze anos na escola e ele ficou me espremendo essa falta de estudo, e aí foi eu tentei um outro curso Tentei geografia, com todo respeito a geografia, mas eu vi que não tinha nada a ver comigo. Porque, eu já tinha muito tempo de estrada já no mundo das artes. E... Então pintou o curso de artes Aqui pela IF e aí eu falei assim, e agora como é que eu faço para me entrar? Eu falei assim, não vamos entrar ali e vamos fazer uma redação eu falei assim, então vamos E aí eu fiz essa redação, e aí graças a Deus fui contemplado. E eu passei a ser aluno Do Instituto Federal aqui no quartel do Vinte ainda. Aí depois nos últimos dois ou três anos parece que a gente acabou de concluir lá na sede própria. E... O qual ficou muito bonito, parabéns ao Instituto e tudo, e graças a Deus eu me formei lá, e uma parte que eu gosto de frisar bem é que para mim voltar a estudar É... Eu parei na sétima série Então eu tinha de

Fazer ela novamente Não tinha jeito, eu não concluí ela Eu parei nela, e aí pra mim Voltar e pegar a sala de aula normal Eu tava achando muito distante pra mim, muito longe e aí pintou esse curso do Eja, e esse Eja ele abriu a porta pra mim, porque eu voltei a sala de aula com o curso Eja, que eu sou a primeira turma de Eja na cidade de Goiás lá no Cora Coralina.

E assim eu concluí o segundo grau, né. E aí, foi aonde que passado um tempo ainda depois disso, que eu fiz a redação no Instituto Federal e passei, e aí eu fui fazer o curso superior em artes visuais. Foi daí que tudo começou, e eu firmei lá teve uns pontos que eu dei vontade de sair, mas A gente tem que ter um propósito na vida uma força de vontade não desanimar e seguir em diante, então hoje eu agradeço esse curso superior, o Instituto Federal por proporcionar pra mim esse curso superior, que hoje eu voltei, a fazer parte da equipe de professor da Escola de Belas Artes Ok? Eu senti que estava fazendo falta, que pra você ser professor, você sem estudo, parece que você não... eu

não sei se é a palavra certa você não tem muita moral. Você entendeu? Quando você recebe alguém de fora e ela fica sabendo que você é professor, se você não tiver nenhum estudo parece que você é mal visto. Certo? Não adianta ser só autodidata. Autodidata eu

mexo com desde de 10 anos eu mexo com a arte, mas hoje você é mais bem visto você tendo um curso superior as pessoas te respeitam melhor e isso o Instituto Federal proporcionou a mim. Agradeço demais a isso.

Como você se sentia por não ter ingressado na faculdade?

Olha Eu dando aula E os colegas meus Tudo querendo aposentar Eles tudo com curso superior e eu ali atrás nem um curso superior eu tinha e estava dando aula eu sabia que a minha passagem era muito rápida, mesmo assim ainda durou 12 anos e eu ficava pensando caramba, meus amigos estão aposentando já formaram já estão caçando um jeito de descansar, e eu estou aqui iniciando a carreira e eu não tenho nem a sétima série, onde eu vou com isso? Aí eu sentia-me cobrado por mim mesmo, e a sociedade também faz isso só que tem que ela não fala para você, com essas palavras, você que tem que sentir na alma.

Você já tentou fazer algum outro curso superior?

Sim Tipo assim eu falei para você na outra vez eu passei para o UNB Como se chama? Ensino a distância, como é que ele chamava? EAD Eu passei no curso A distância no EAD Faculdade Brasília UNB Geografia eu durei uns quatro meses aí eu não tinha computador, eu tinha de inserir nesse mundo moderno, eu comprei computador, mas Eu senti que não era a minha praia. Eu vi que não ia somar muito no que eu faço, e aí eu peguei assinei uma desistência. Assinei essa desistência mas como se fosse trancar, se eu quisesse voltar tinha tempo ainda, tal tempo eu poderia voltar, mas eu nunca voltei. E aí foi um tempo passado e foi aonde que pintou o curso de artes visuais aqui na cidade de Goiás. E eu já queria fazer esse curso há muitos e muitos anos, mas só que tem que para mim manter do que eu faço sobrevivo de arte, em uma cidade fora para mim seria difícil, aí ela ela pintou aqui na cidade de Goiás graças ao Instituto Federal que trouxe essa modalidade aqui. E aqui tem poucos, tinha, né depois da minha turma, tem muitos. Tinha poucos professores de artes visuais formado mesmo, o que eu conheço aí é dois ou três, mas depois do curso de nós abriu um leque, aí estamos aí.

Quem foi a pessoa que mais Influenciou você, a fazer um curso superior? Quem te deu uma força, quem te balançou e falou, vai fazer, faça.

Olha, é assim a Adria Lopes a gente aí ficou Junto muitos anos então ela já tinha o curso superior dela inclusive nessa área. E aí ela formada e eu não, e nós dois vivendo do mesmo mundo, e aí foi aonde a gente dialogando eu vi, não, vou me esforçar, e aí ele me incentivou e deu tudo certo.

Você já teve outras oportunidades de ingressar na universidade? Na UNB já tinha respondido.

O que você considera que o afastou da universidade anteriormente? Por que que você não estudou quando jovem?

Olha Eu Parei de estudar, na verdade é porque eu já tinha uma certa idade a aí, você sempre andava sempre enturmado com os amigos, você via os amigos com tênis bacana, com a roupa bacana, e aí precisava de trabalho, sabe? E aí parece que o estudo estava atrapalhando eu estudar, ninguém arrumava serviço pra mim pra trabalhar no meio período e aí por falta de trabalho e aí eu consegui trabalhar eu entrei numa marcenaria eu mexi com o garimpo, eu mexi com o frigorífico tudo, mas dentro da sala de aula eu não tinha possibilidade de eu continuar esse tipo de trabalho então foi preciso eu largar pra poder trabalhar mas é assim, eu aconselho que ninguém faça isso na vida larga, passa o que passar mas nunca larga o estudo nunca larga.

Quais são as suas expectativas para o seu futuro a pós formatura?

Olha hoje hoje eu me vejo que tem possibilidade de eu fazer uma especialização e tal e tudo mas quer dizer é uma palavra que eu vou usar aqui, mas eu não queria que ninguém

ficasse assim, tem hora que eu me sinto velho pra correr atrás de estudo, porque eu me formei com 50 anos, então ele me surgigou muito ali eu vi as menininhas novinhas e tal e as vezes eu sofria com aquilo, mas não comentava. Então Tem hora que eu me acho assim muito velho pra ficar correndo atrás desses trem. Eu to respondendo isso por mim mas eu dou o conselho que nunca para, nunca para porque o mundo hoje pra você aposentar nós não temos idade não sabemos nem se vamos estar vivo, pra poder aposentar. Então esforce, eu que me retrai um pouco, pensando dessa forma negativa, de não uma especialização, mas tem que pensar assim em correr pra frente seguir o estudo que quanto mais melhor, e você vai até ser remunerado por causa disso, com uma especialização, um doutorado, um mestrado, alguma coisa assim nesse sentido. Mas é assim eu penso isso hoje, talvez a semana que vem eu não pense assim. Eu só me senti pressionado pela minha idade de estar lá no estudo sabe. E eu não dou esse conselho pra ninguém pra sentir dessa forma, vai lá e pula o obstáculo que tem que pular.

Você deu continuidade aos seus estudos após a conclusão do curso superior?

Somente uns cursos na área cursos assim de não é uma especialização, o curso na área vai ter um professor aqui, que vai ministrar a argila como se faz isso com a argila como é a técnica de vitrificação, como é que é a técnica de fazer forma em gesso, como é que faz isso e tudo. Então isso é isso aí que eu estou antenado, sempre atento sempre aprendendo mais, entendeu.

Qual o histórico do acesso A formação superior na sua família? Seus pais Teve curso superior? Irmãos? Filhos?

Então os meus pais minha mãe é semianalfabeta, mas dá conta de assinar tudo, beleza eu não sei dizer nem a escolaridade que eles tinham, eles falam em primeiro ano entendeu, e o primeiro ano meu é diferente do dela que eu tive. E o meu pai já foi até um terceiro, o meu pai é muito inteligente faz conta de matemática demais, os meus irmãos eu o sou caçula, são três filhos. Os meus irmãos o mais velho parou de estudar muito cedo, e logo em seguida foi eu e por último foi o do domei, o domei é muito inteligente muito inteligente, mas uma coisa que atrapalhou muito ele foi que nós estávamos ganhando dinheiro demais na época do garimpo, e ele largou de estudar não conseguiu tirar o segundo grau para correr atrás desse garimpo também que ele não aguentava ver os amigos dele tudo ganhando dinheiro, e ele nunca mais conseguiu voltar ele voltou, tentava mas não conseguia logo ele construiu família, e aí abandonou. Não deu conta mais de voltar . E assim a moral da história quem tem o curso superior na família foi só eu entendeu, mesmo formando com 50 anos, entendeu.

Como você se sente após ter concluído o curso superior? O que mudou na sua vida? Olha

Uma pergunta difícil Mas eu vou tentar aqui me responder, olha eu sinto que é gratificante que hoje eu posso sentar numa roda e conversar, debater, dar palpites e tal antes eu não me sentia assim. Eu sentia mal visto porque eu era Simples autodidata, hoje eu sou convidado para aparecer participar de um júri, isso cabe a mim participar ou não. Tipo assim se me convidou porque sabe da minha competência, certo? Então isso é gratificante, e as pessoas me olham diferente hoje. Inclusive a escola me chamou para trabalhar com eles para fazer parte da equipe novamente, porque é orgulho para eles também dizer que tem um professor lá que tem seu curso superior na área, formado em artes na escola específica.

E que escola é essa?

Essa escola se chama Escola de Artes Plásticas Veiga Valle.